

REVISTA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

- MUSEUS ESCOLARES
- DESEMPENHOS PROFISSIONAIS
- EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS
- AVALIAÇÃO DE PROJECTOS SOCIAIS
- NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS
- FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM MATEMÁTICA
- LINGUAGEM METAFÓRICA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

CRSS-01-M
AN-00/4

A CRIAÇÃO DO MUSEU DA ESCOLA PRIMÁRIA NO PORTO

UMA EXPERIÊNCIA DE CONSTITUIÇÃO DE FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA EM PORTUGAL*

MARGARIDA LOURO FELGUEIRAS

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Universidade do Porto

INTRODUÇÃO

A necessidade de organizar a pesquisa com vista à definição de uma filosofia de colecções a integrar o acervo do futuro Museu da Escola Primária, no Porto, levou-nos a definir um conjunto de categorias, muito amplas, para a realização de um inquérito às escolas do primeiro ciclo da Região Norte e de um inventário sistemático às escolas do concelho do Porto.

Na análise das respostas recebidas verificámos que tais categorias constituem uma tipologia das fontes disponíveis para o estudo da realidade educativa dentro do sistema de ensino oficial em Portugal. Entre essas fontes, as escritas (manuscritas ou impressas), têm sido privilegiadas pela investigação histórica, pelo que uma chamada de atenção para o mobiliário, os diversos materiais didácticos e auxiliares de ensino, a iconografia, os jogos e brincadeiras das crianças, representa um alargamento do objecto histórico e constituem novas fontes a investigar.

Fernandes (1997, pp.10-11), considera que a experiência social contemporânea deu a conhecer quatro eixos analíticos relativos a grupos populacionais discriminados: classe social, género, etnia ou diminuição de capacidades. Cruzando-se com estes eixos temáticos, o autor aponta, ainda, as categorias da infância, da alfabetização e do currículo como susceptíveis de desencadear um leque muito amplo de investigações sobre a escolarização, suas

configurações, matérias escolares, prática e instrumentos pedagógicos. Neste contexto, pensar uma filosofia do Museu da Escola Primária é reconhecer à História da Educação o seu carácter de História Social, procurando na contextualização dos factos educativos e pedagógicos a explicação da sua génese e do processo evolutivo. Simultaneamente, é perspectivar o papel educativo do Museu sob várias formas, de modo a que se abra a todo o tipo de públicos e envolva a participação de diferentes sectores sociais.

A abundância das fontes escritas para os finais do séc. XIX e no séc. XX não tem suscitado muitas investigações sobre as práticas e a rotina pedagógica, os trabalhos de aprendizagem dos alunos, o quotidiano dos professores, as alterações de conteúdos curriculares e seu significado científico, social e político. Estas áreas encontram-se entre as menos cobertas pela investigação histórica. Há todo um manancial de material didáctico, produzido ou utilizado pelos professores, que permanece desconhecido. São muitas vezes objectos que se enquadram com dificuldade num discurso histórico produzido a partir das fontes escritas, tradicionalmente mais exploradas - legislação, declarações de princípio, textos pedagógicos e, mais recentemente, os livros escolares. Porém, aquelas fontes, indispensáveis para o conhecimento e interpretação desmistificadora da prática pedagógica estão constantemente em vias de desaparecer. Paradoxalmente, a sua abundância crescente não garante o

* Este artigo é fruto do trabalho de investigação da autora a decorrer no âmbito do projecto "Para um Museu Vivo da Escola Primária". O projecto, coordenado pelo Prof. Doutor Rogério Fernandes, é uma parceria entre a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto e a Câmara Municipal e foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia/Programa PRAXIS XXI.

Aquino e “na lição das coisas” que, no séc. XIX, levou à criação de pequenos museus nas escolas, como parte do trabalho educativo. Alicerçada na tradição medieval dos “sensibilia”, mas também nas teorias de Rousseau, Pestalozzi e Froebel pretendia-se, através das “lições das coisas”, desenvolver a percepção, a reflexão e o poder de julgar das crianças. Partia-se da activação dos cinco sentidos discutindo, comparando observações, experiências e informações. Hoje as percepções podem ser alargadas através não só dos objectos como também de fotografias, mapas, cartas, gravações áudio ou vídeo ou mesmo através das percepções dos outros. A insistência, nos nossos dias, na necessidade de desenvolver o raciocínio experimental de uma forma prática, de criar hábitos de pensamento e de argumentação que partam da análise de problemas e da comprovação de hipóteses, chama também a atenção para o museu como mediador cultural entre a comunidade científica e o grande público, criando a possibilidade de interpretação da experiência social. A História Social e da Educação são apenas dois dos campos dessa experiência humana que é necessário contactar, analisar. Como o objecto museal exige um entendimento da forma como era utilizado no seu contexto específico, o museu da escola contribuirá para recuperar saberes didácticos, rotinas e ritmos escolares, vivências e emoções. Para isso está empenhado na constituição de acervos de imagens e de fontes orais - de entrevistas, de histórias de vida de professores e alunos, estabelecendo um elo de empatia entre o presente e o passado que nos permita colmatar lacunas e, sobretudo, interpretar o passado, tendo em conta os seus actores.

A FILOSOFIA DO PROJECTO DE MUSEU DA ESCOLA PRIMÁRIA NA CIDADE DO PORTO

O projecto para a criação do museu, em que estão empenhadas a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e a Câmara Municipal, através da Vereadora da Educação, responde à necessidade de criar um instrumento de valorização e investigação dos objectos da escola primária que possibilite, simultaneamente, a difusão de conhecimentos sobre a nossa história educativa e a sua conservação. O futuro museu ficará instalado num edifício escolar do início do século, que será restaurado para o efeito. Foi financiado pelo programa PRAXIS XXI que envolve participação do Fundo Social Europeu, do Governo e da Autarquia do Porto.

Imaginar um museu da escola primária no contexto português, em que várias tentativas para a criação de um museu da educação não lograram concretizar-se, reclama uma abordagem museológica diferente. Não se pode ignorar que, em muitas instituições museológicas, existe um défice de visitantes, o que tem levado a questionar a sua existência ou pelo menos o seu funcionamento, como serviço público. Por estes motivos consideramos importante enunciar os princípios que orientam o projecto e aos quais gostaríamos

de ver subordinado o funcionamento do futuro museu. Atribuímos assim, como principal missão do museu:

- a) fazer conhecer a história social, cultural e material da instrução primária nas suas diversas componentes, partindo de uma base local mas alargando-a ao espaço da língua portuguesa;
- b) contribuir para a identidade cultural portuguesa, numa perspectiva intercultural, pelo cruzamento de olhares sobre passados comuns;
- c) assegurar a conservação e valorização de colecções representativas da educação escolar;
- d) assegurar a presença portuguesa na rede internacional de museus de educação, através quer de exposições, quer de investigação, quer de animação, difusão e intercâmbio de iniciativas transnacionais;
- e) criar uma dinâmica museológica que se integre no conceito de “museu vivo”, apelando à participação de públicos potenciais e diversificados, tanto a nível etário como social, e inserindo o projecto museológico nos objectivos e realizações culturais da cidade e da região.
- f) O museu deverá estar ao serviço da comunidade, ser um local aberto, popular e polivalente, orientado para a participação colectiva e individual e, ao mesmo tempo, ter uma visibilidade internacional, com destaque particular no espaço da lusofonia.

O campo de investigação define o conceito museológico do projecto: é um museu temático na área da educação, já que incide apenas sobre a fase da instrução primária, realçando os séculos XIX e XX. Procura integrar as preocupações educativas contemporâneas, valorizando a nossa história e cultura pedagógica. Pretende ser o que Lecat (1995, p.119) sintetizou a propósito do Museu da Civilização do Quebeque: “um lugar de prazer e reflexão, de conhecimento e de encantamento, fornecendo simultaneamente elementos de análise dos problemas presentes e um acesso ao passado”.

Pretende-se que a estrutura funcional e a arquitectura dos espaços do futuro museu traduzam estas finalidades, privilegiando-se ao nível funcional uma concepção integradora dos serviços em que a Unidade de Investigação e o Centro de Documentação e Divulgação, apoiado nas novas tecnologias da informação, fiquem interligados aos diversos serviços internos e, em rede, a escolas de diferentes graus de ensino e a um conjunto de investigadores sobre a escola primária na área da lusofonia. Em relação às escolas da região o museu funcionará também como um centro de recursos e um animador de iniciativas de conservação de património. Privilegiando a participação e o contacto com os diversos públicos e sobrepondo mesmo a divulgação à conservação, dará especial atenção ao serviço de acção cultural, ou educativo, prevendo-se o desenvolvimento de um polo de investigação-formação nesta área, em

no Pavilhão Rosa Mota, num espaço próprio, enquadrada nas actividades de encerramento do ano lectivo, promovido pelo Pelouro da Educação da Autarquia. Foi vista por alguns milhares de crianças e quatro centenas de professores, tendo-se constituído num elemento importante de divulgação do projecto, pois foi apresentado aos professores pela Autarquia e motivou notícia de relevo em dois jornais diários e na rádio.

Entretanto, a cargo de um elemento da equipa², desenvolveu-se um seminário de histórias de vida com dez professores reformados com idades compreendidas entre os 65 e os 82 anos que se revelou uma experiência muito rica e reveladora da pessoa professor. Espera-se poder vir a enriquecer o espólio do museu com recolhas deste tipo.

Posteriormente deu-se início ao inventário sistemático, com intervenções esporádicas em escolas desactivadas para identificação de mobiliário e documentação. O estado das escolas desactivadas ou com obras em curso é problemático, por estarem mais sujeitas a processos de degradação e vandalismo. Sendo um trabalho assistemático tem-se revelado importante pois encontram-se por vezes objectos, que se perderiam irremediavelmente.

Estando a investigar, no âmbito de um outro projecto³, o espólio de um antigo instituto para filhos de professores primários - o Instituto do Professorado Primário Oficial Português - do qual se fez inventário e fotografia, o espólio da secção feminina do Porto integrará a colecção do futuro museu. Desta investigação recolheu-se um já numeroso conjunto de fotografias, realizaram-se já entrevistas, com gravação áudio e vídeo, a antigas directoras, funcionárias, alunas e alunos, que farão parte do acervo do futuro museu, ainda que com acesso sujeito a restrições.

2. ANÁLISE DAS RESPOSTAS RECEBIDAS

Para a análise organizámos inicialmente a codificação das respostas a cada um dos campos por concelho e distrito (Ver Anexo 1). Posteriormente agrupámos a descrição por distritos, conservando os itens de cada campo e diferenciando as quantidades indicadas da simples sinalização de existência. Distinguímos ainda as referências sem datação, sem quantidade ou sem ambas. Finalmente, para cada campo, elaboramos o somatório de referências e quantidades respeitante ao conjunto dos distritos (Cf. Anexo 2).

2.1 DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA

Analisando o inventário da documentação manuscrita verifica-se que só é ultrapassada em referências e existências pelo mobiliário escolar. Desta documentação consta, por ordem decrescente de referências: livros de matrícula dos alunos; livros de correspondência oficial; livros de faltas dos alunos; livros de inventário, cadastro ou auto de

conferência; livros de faltas dos professores; livros de visitas de inspectores. Aparecem muito poucas referências a provas de passagem.

Ainda que escassa, aparece documentação desde 1860. Em relação às espécies anteriores a 1910 verifica-se sobretudo a existência de livros de matrícula e de registo de faltas dos alunos, livros de inventário, livros de correspondência oficial e livro de registo de outros funcionários. Há, contudo, um número elevado de referências sem qualquer indicação de data que poderá vir a revelar a existência de documentação deste período. A indicação de documentos aumenta para o período a partir de 1930 mas é na década de 70 que se verifica um aumento significativo de indicações.

Entre a informação nova, isto é, não listada previamente na ficha, aparecem indicados livros de actas, processos individuais dos alunos, livros de recenseamento, caixa escolar, julgamento de paz, livro de matrículas de adultos, livro da cantina e livro de registo agrícola. Por estas indicações pode-se avaliar o tipo de funções que foram exigidas aos professores e mesmo a expansão ou concretização de certas medidas, como por exemplo as cantinas escolares.

2.2 DOCUMENTAÇÃO IMPRESSA

Sobre documentação impressa só nos foram indicadas existências a partir de 1900. De qualquer modo elas são insignificantes até 1950 e só aparecem com algum relevo na década de 70. No cômputo geral das categorias da ficha ocupa apenas o 4º lugar, numa ordem decrescente de referências, muito distanciada do mobiliário, da documentação manuscrita ou do material escolar. São ainda referidos no item "Outros", jornais, legislação escolar e folhetos do Serviço de Propaganda Nacional. É interessante verificar que alguns professores indicam nesta categoria boletins e matrículas, que caem na documentação manuscrita ou mesmo jogos, que deveria figurar em material escolar.

2.3 MOBILIÁRIO

É onde se encontra o maior número de existências mas os professores sugerem datação só a partir de 1950 aparecendo apenas 7 referências entre 1900 e 1930. O mais referido são armários, seguidos de secretárias do professor e da respectiva cadeira e ainda o quadro negro. Em "Outros" aparece referido relógio, estrado, piano, canapés, cabides, flanelógrafo, aquecedor e salamandra, palmatória, balança, fogão, ficheiro metálico, etc. Verifica-se aqui, também, não ser fácil distinguir o mobiliário de alguns materiais

sobre a cultura científica e pedagógica que era proporcionada a alunos e professores e mesmo a que a escola propunha como extensão educativa e entretenimento.

A questão que se poderá levantar é se estas informações não existem já guardadas sob outras formas. A resposta é claramente negativa, por vários motivos, de que salientaremos o aspecto lacunar de todas as fontes, a necessidade de contextualização e de estudos monográficos, a importância das vivências, do quotidiano e da sua descrição etnográfica além do contributo museológico para a revalorização simbólica das próprias fontes.

Concordamos com Fernandes (1997), para quem as práticas educativas, a começar pelo livro escolar constituem "um eloquente revelador do modo por que uma sociedade se relaciona com o saber, os valores e a respectiva transmissão". E como sabemos que os objectos nas sociedades contemporâneas são tão efémeros e desvalorizados, maior é a nossa preocupação em identificar, recolher e conservar as espécies que possam ajudar à recuperação dos saberes didácticos, das rotinas, ritmos, vivências e emoções que a escola proporcionou a docentes e discentes. As imagens - fotografias, diapositivos, pequenos filmes didácticos, quadros parietais, são extremamente elucidativos. Contudo, as fontes orais, aparecem como um meio fundamental para a compreensão do contexto em que os outros materiais foram usados, para a restituição dos sentidos, diversos necessariamente, que uns e outros lhe atribuímos, para avaliar a importância e o impacto da escolarização. Revelam-se um meio importante não apenas para colmatar dados de outras fontes, mas porque fornecem informações de outro tipo, a que não teremos acesso de outra forma. A concretização do Museu da Escola Primária na cidade do Porto constitui um passo importante na valorização e salvaguarda de todo este vasto património educativo e esperamos que possa contribuir para elo de ligação e intercâmbio entre os investigadores de língua portuguesa.

Notas

¹ Os autores chamam a atenção para a normatividade de prestígio que é conferida às obras e confirmada pela categoria social e cultural dos visitantes.

² O seminário foi coordenado por Manuela Malpique e decorreu ao longo de 4 meses, nas instalações da Faculdade.

³ O Instituto do Professorado Primário Oficial Português: História de uma instituição e de um grupo sócio-profissional, projecto financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica, coordenado por José Alberto Correia e em fase de conclusão. A investigação foi conduzida por Margarida Louro Felgueiras, apoiada no trabalho de inventário por Leonor Soares.

REFERÊNCIAS

- Adão, A. (1984). *O estatuto sócio-profissional do professor primário em Portugal (1901-1951)*. Oeiras: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Adão, A. (1997). *Estado absoluto e ensino das primeiras letras. As escolas régias (1772-1794)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Araújo, H. (1993). *The construction of primary teaching as women's work in Portugal (1870-1933)*. Londres: The Open University (Tese de doutoramento).
- Araújo, H. (1995). As professoras primárias e as suas histórias de vida: Das origens aos primeiros anos de vida profissional. *Educação, Sociedade & Culturas*, 3, 7-36.
- Bourdieu, P. & Darbel, A. (1969). *L'amour de l'art. Les musées de l'art européens et leur public*. Paris: Éditions de Minuit.
- Candeias, A. (1992). *Educar de outra forma. A Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Fernandes, R. (1983). António Sérgio, ministro da instrução pública. *Revista de História das Ideias*, 603-700.
- Fernandes, R. (1985). *Bernardino Machado e os problemas da instrução pública*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Fernandes, R. (1993). *O despertar do associativismo docente em Portugal (1813-1820)*. Lisboa: Instituto Irene Lisboa.
- Fernandes, R. (1994). *Os caminhos do ABC. Sociedade portuguesa e o ensino das primeiras letras*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, R. (1997, Outubro). A História da Educação e o saber histórico. Conferência proferida no Congresso da APH "O Ensino da História: Problemas da didáctica e do saber histórico", Lisboa/Porto.
- Ferreira A. G. (1987). A criança em dois tratados setecentistas de puericultura. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXI, 267-291.
- Gomes, J. F. (1977). *Dez estudos pedagógicos*. Coimbra: Almedina.
- Gomes, J. F. (1980). *Estudos para a História da Educação no séc. XIX*. Coimbra: Almedina.
- Gomes, J. F. (1984). *Estudos de história e de pedagogia*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Hooper-Greenhill, E. (Ed.). (1994). The past, the present and the future: Museum education from the 1790s to the 1990s. In *The educational role of the museum* (pp. 258-259). Londres: Routledge.
- Lecat, S. R. (1995). Voyage d'étude au musée de la Civilisation de Québec: Plaidoyer pour un nouveau musée. *Publics & Musées*, 7, 119.
- Namer, G. (1987). *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- Nóvoa, A. (1987). *Le temps des professeurs*. Lisboa: INIC.
- Sampaio, Salvado (1975/1977). *O ensino primário: 1911-1969*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência.
- Vidigal, L. (1996). *Os testemunhos orais na escola. História oral e projectos pedagógicos*. Porto: Edições Asa.

QUADRO TOTAL DE QUANTIDADES CODIFICADAS E REFERÊNCIAS A DOCUMENTAÇÃO ESCRITA, NO CONJUNTO DOS DISTRITOS

Documentação manuscrita	30	40	50	60	70	80	90	1900	10	20	30	40	50	60	70	80	90
Livro Matrículas Alunos										5	7	1	28	7			
nº referência				1				1	4	5	7	5	15	8	6	3	
Livro Reg. Faltas Alunos								1	13	1			10	8		18	13
nº referência								1	1	1	2	1	6	4	7	11	7
Livro Reg. Faltas Profs.																	
nº referência									3				3	3			
Livro Inventário									1						16	12	2
nº referência								1	4	1	14	1kn	7+1kr	8+1kn	13	13+1kn	1
Livro Visitas Inspectores																	
nº referência									2	1	14	1kn	3	4	16	2	
Livro Reg. Func. Quadro																	
nº referência															4		
Livro Corresp. Oficial								1	1				2		7	5	3
nº referência								2	1	2	2	2	7	4	12+kl	9	5
Arquivo Provas Passagem																	
nº referência									1		1		2	2	1	2	1
Outros																	
nº referência								1kl/1k			1ku	1k/7kl	1k2/1k/1ko	1kn/1ka/1kg	1/8k/1ka/1kx/1kz/1kb	1kl/2k2/2k/1km	0
Soma quantidades	0	0	0	0	0	0	2	13	1	6	7	1	39	15	32	24	13
Soma nº de referências	0	0	0	1	0	1	3	5	20	8	27	11	49	37	92	67	21

k - arquivo de mapas
 kl - actas
 km - arquivo circular
 kb - livro de termos
 ko - acta reunião pais
 kd - cadastro
 kt - matrícula adulto
 kr - mapa de inventário
 kn - transferências
 ka - livro exp.
 ku - livro D (s. ins.)
 kz - caixa es
 kx - transferências
 Wn - duplicador
 k2 - papel officio
 k3 - livro D (insp.).